

## APRESENTAÇÃO

Em meio às incertezas sobre os rumos do país e de sua Constituição, preocupam-nos também os rumos da Sociologia, ao desenvolvimento da qual esta revista se dedica. Há indícios de que discussões sobre a tão propalada crise dessa disciplina já não têm mais sentido. O esforço de recuperação teórica que se tem observado nos últimos anos, o Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e uma nova leva de produção de alta qualidade, dotam-nos de uma visão mais otimista dos “caminhos e descaminhos da Sociologia”, de que se falava durante a 38ª Reunião Anual da SBPC, em 1986. Temos a pretensão de, com este número, estar contribuindo para essa nova fase.

Abrimos com um texto de José Albertino Rodrigues, presidente da SBS, que é mais uma tomada de posição do que um artigo científico. Decidimos abrir uma exceção, em momento excepcional para o país e para a universidade. Não podemos – enquanto cidadãos e cientistas sociais –, ficar alheios aos desafios que se colocam à comunidade, diante da elaboração de um novo texto constitucional. O autor destaca que a transição política e a abertura científica em novo patamar de maturidade e consciência. Trata-se, agora, de difundir a concepção de que os caminhos do desenvolvimento passam, necessariamente, pela pesquisa científica e tecnológica.

O resumo histórico apresentado por J. A. Rodrigues, remete-nos inevitavelmente ao exame das rupturas e continuidades, ao longo do processo político brasileiro. O artigo de José Mendes de Oliveira sobre a obra de Alberto Torres destaca, em outra perspectiva, debates que também são, ao mesmo tempo, históricos e atuais na análise dos diversos momentos daquele processo.

Enquanto isso, a Sociologia vem atravessando uma longa história de meros cinquenta anos. O artigo de V. Figueiredo procura retratar essa história e o momento presente, constituindo um roteiro possível para uma sociologia da Sociologia brasileira, e mostrando suas forças e fragilidades.

Mas como se configura esse momento da Sociologia? A disciplina teria limitado-se a uma mera função discursiva? É a questão polêmica proposta por Guilhon de Albuquerque. Identificando três funções latentes (engenharia, integração e denúncia) que se manifestam segundo os momentos sociais em outros países, Guilhon postula que, no Brasil, a Sociologia limita-se a um mero discurso.

Os quatro artigos que se seguem talvez demonstrem o contrário: que a nova fase da Sociologia brasileira não se reduz a um mero discurso teórico inócuo. A discussão de N. A. Castro sobre uma forma diferente de organização, diante da ameaça do desemprego; a análise dos impactos de novas tecnologias

no mundo do trabalho, realizada por R. Q. Carvalho; o estudo sobre os metalúrgicos de Salvador, onde J. G. Teixeira busca novas abordagens para o problema concreto do sindicalismo brasileiro; e o debate enfrentado por P. R. Jacobi a respeito do Estado capitalista burocrático, confrontando suas versões diferentes no capitalismo avançado e no periférico, demonstram que já se podem vislumbrar alguns passos possíveis nos novos caminhos da ciência social.

*Maria Lúcia Maciel*